



AS CLASSES SECUNDÁRIAS EXPERIMENTAIS PELAS MEMÓRIAS DA IRMÃ MARIA LUIZA DE SION (1959-1962)

Iasmin Emi Ferreira Fukushima¹

<http://orcid.org/0000-0002-9560-0361>

Norberto Dallabrida²

<http://orcid.org/0000-0002-5100-2028>

RESUMO

Esse artigo objetiva tratar da cultura escolar nas classes secundárias experimentais do colégio feminino católico Nossa Senhora de Sion de São Paulo, entre 1959 e 1962, pelas memórias da Irmã Maria Luiza de Sion, coordenadora das classes. Entende-se que os aspectos de tal cultura escolar são apropriações da Pedagogia Personalizada e Comunitária (PPC) do Padre Pierre Faure. Assim, investiga-se como os bens culturais disponíveis foram ressignificados e apropriados formando uma prática escolar renovada. Estudando a renovação do espaço e do tempo e o trabalho personalizado como aspectos de uma nova cultura escolar, entende-se de que forma a PPC foi apropriada, sendo ressignificada pelas alunas e professores do colégio Sion. Entende-se que a PPC mobilizou as classes secundárias experimentais das décadas de 1950 e 1960 nos colégios católicos brasileiros. Conforme as memórias da Irmã Maria Luiza de Sion, o ensino tradicional deu lugar ao trabalho personalizado.

Palavras-chave: Cultura Escolar; Memória; Classes Escolares.

THE EXPERIMENTAL SECONDARY CLASSES BY MEMORIES OF SISTER LUIZA DE SION (1959-1962)

ABSTRACT

This article aims to address school culture in experimental secondary classes of female catholic school Nossa Senhora de Sion from São Paulo city, between 1959 and 1961, by the memories of Sister Maria de Sion, classes coordinator. Aspects of such school culture are understood to be appropriations of Pedagogia Personalizada e Comunitária (PPC) from Pierre Faure. We investigate in which way the cultural goods available were resignified and appropriated to form a new school practice. Studying the renovation of space and time and the personalized work as aspects of a new school culture, we understand that the PPC was appropriated and resignified by the students and the teachers. The PPC moves the experimental secondary classes of the 50's and 60's in Brazilian Catholic colleges. We found

¹ Graduação em andamento em Pedagogia. Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC, Brasil. E-mail: <iasmin_fukushima@hotmail.com>.

² Graduação em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (1988), graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (1984), mestrado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (1993) e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (2001). Realizou estágio pós-doutoral na Universidad de Alcalá de Henares (2013) e atuou como professor visitante na Université Paris Nanterre (2019). Atualmente é professor concursado (efetivo) e pesquisador na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e do CNPq. É professor de História da Educação no Curso de Pedagogia a Distância e docente vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação na UDESC e líder do grupo de pesquisa "Culturas Escolares, História e Tempo Presente". Tem experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: renovação Ensino Secundário em Santa Catarina na segunda metade do século XX, classes secundárias experimentais, movimento da Escola Nova e Historiografia da Educação. E-mail: <norbertodallabrida@hotmail.com>.

that, according to the memories of Sister Maria Luiza de Sion, the traditional methods of teaching were gradually replaced by personalized work.

Keywords: School; Culture; Memory; School Classes.

CLASSES SECUNDARIAS EXPERIMENTALES POR LAS MEMORIAS DE HERMANA MARIA LUIZA DE SION

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo tratar la cultura escolar en las clases secundarias experimentales de la escuela femenina católica Nossa Senhora de Sion de São Paulo, entre 1959 y 1962, por las memorias de la Hermana Maria Luiza de Sion, coordinadora de las clases. Aspectos de dicha cultura escolar son apropiaciones de la Pedagogía Personalizada y Comunitaria (PPC) del Pierre Faure. Por tanto, se investiga cómo los bienes culturales disponibles fueron significados y apropiados formando una práctica escolar renovada. Al estudiar la renovación del espacio y el tiempo y el trabajo personalizado como aspectos de una nueva cultura escolar, se entiende cómo el PPC fue apropiado, siendo significada por estudiantes y maestros de Sion. El PPC movilizó las clases secundarias experimentales de los años 50 y 60 en los colegios católicos brasileños. Según los recuerdos de la Hermana Maria Luiza de Sion, la enseñanza tradicional dio paso al trabajo personalizado.

Palabras-clave: Cultura escolar; Memoria; Clases escolares.

Introdução

A década de 1950 marcou o início de uma renovação na educação brasileira. Com Anísio Teixeira na direção do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), entre 1952 e 1964, houve ações no sentido de renovar o ensino secundário, pois havia a expansão da área de ensino que se mantinha tradicional. Assim, se destaca o pioneirismo de Luis Contier, que realizou estágio no Centre International d'Études Pedagogiques (CIEP) e posteriormente deu início a uma experiência renovadora no ensino secundário no Instituto de Educação Alberto Conte, inspirada nas Classes Nouvelles francesas (DALLABRIDA, 2018). Foi a rede de relações de Luis Contier, seu capital social, que possibilitou o surgimento e a legalização das classes secundárias experimentais pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) em 1958 (VIEIRA e CHIOZZINI, 2018). Com isso, as classes secundárias experimentais foram prescritas conforme as "Instruções sobre a natureza e organização das classes experimentais" (CLASSES..., 1958) publicada em 1958 por meio da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP). Onde foi previsto o controle pela limitação do número de estabelecimentos e de classes, pela necessidade de consentimento dos pais e responsáveis e pela autorização do MEC.

Desse modo, a partir de 1959 as classes secundárias experimentais se espalharam, sobretudo nas escolas privadas, principalmente na rede católica. Essa viu a necessidade de renovação pedagógica, dadas às demandas das famílias que buscavam escolas com metodologia que seguisse as novas ideias pedagógicas (SAVIANI, 2008). A rede católica apropriou-se da Pedagogia Personalizada e Comunitária (PPC) do padre francês Pierre Faure, que é baseada em suas experiências educativas. Faure teve influência direta de Hélène Lubienska de Lenval, tendo conhecido através dela as ideias pedagógicas de Maria Montessori, leu também autores como Jean Piaget e Célestin Freinet e inspirou-se no catolicismo social (DALLABRIDA, 2018). A pedagogia fauriana visa juntar aspectos pessoais e comunitários para o desenvolvimento do aluno, seria a relação com o outro que permitiria ao aluno seu desenvolvimento pessoal e sua autonomia. Com isso, a Pedagogia Personalizada e Comunitária é marcada pelos instrumentos de trabalho (programação, plano de trabalho definido pelo estudante, uso de guias ou fichas para o trabalho pessoal do estudante, material didático) e pelos momentos didáticos (trabalho independente, trabalho grupal, partilha, síntese e registro pessoal, exposição oral e escrita e avaliação contínua), prezando sempre pelo respeito ao ritmo do estudante buscando uma educação integral, que passa pela formação social e espiritual (DALLABRIDA, 2018). A PPC abarca a participação de pais, alunos e professores na aprendizagem. No Brasil, “Em janeiro de 1959, Pierre Faure ministrou um curso para a formação de professores do ensino ginásial de colégios católicos que pretendiam implantar as classes experimentais.” (DALLABRIDA, 2018, p.301), esse curso se deu em São Paulo e contou com a participação de gestores dos colégios católicos Nossa Senhora de Sion, Santa Cruz e Cônegas de Santo Agostinho.

O presente trabalho tem como objetivo tratar da cultura escolar das classes secundárias experimentais do colégio Nossa Senhora de Sion de São Paulo, colégio privado católico, inaugurado em 1901 por irmãs francesas, sendo destinado exclusivamente para o público feminino. E o recorte temporal do presente trabalho é de 1959, ano das primeiras classes experimentais, até 1962, ano do fim do primeiro ciclo dessas classes. As alunas que entraram no primeiro ano do ginásio em 1952 estariam concluindo essa etapa em 1962, o ensino secundário era constituído pelo ginásio e o colegial, tendo o ginásio duração de quatro anos. Nesse sentido, se entende a cultura escolar como:

[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). (JULIA, 2001, p.10).

Nota-se que a cultura escolar abarca o âmbito do prescrito pelas normas e o do que foi efetivamente praticado. Desse modo, é possível dizer que os modelos impostos passam por um processo de ressignificação por parte dos sujeitos, o que provoca uma diferenciação entre o prescrito e o praticado. Então abordarei a apropriação da pedagogia personalizada comunitária pelo colégio Sion. Tratando da renovação do tempo e do espaço escolar, entendendo essa nova organização de tempo e espaço como elemento fundamental da cultura escolar. E tratarei, ainda, do trabalho personalizado que envolve novas práticas escolares como o uso das fichas de trabalho e a avaliação qualitativa. À vista disso, o ensaio apresenta a análise dos elementos da cultura escolar das classes secundárias experimentais do colégio Sion com base na entrevista concedida pela ex-coordenadora das classes experimentais, Irmã Maria Luiza de Sion (SION, 2018).

Desse modo, a entrevista com a Irmã Maria Luiza de Sion (SION, 2018) será a principal fonte para interpretarmos aspectos da cultura escolar nas classes secundárias experimentais do colégio Sion. Na perspectiva da Nova História Cultural, onde busca-se entender de que forma as pessoas se apropriam dos modelos impostos. Conforme Chartier (1992) existe a circulação de bens culturais e a recepção criativa dos mesmos, não uma simples reprodução do que é dado. Assim, as práticas de apropriação criam usos ou representações que vão muito além do que era pretendido por aquele que criou o discurso ou a norma. Com isso, investiga-se de que modo os bens culturais disponíveis, principalmente o contato com o padre Faure e a Pedagogia Personalizada e Comunitária, foram ressignificados e apropriados formando uma prática escolar renovada e uma nova cultura escolar.

Desta forma, trabalharei com a entrevista pelo olhar da “História Oral” (FERREIRA e AMADO, 2006) e tendo um testemunho oral como fonte de investigação. O objeto de estudo, aqui, é recuperado pela memória de uma entrevistada, não tendo a intenção de achar uma verdade e sim de dar voz para um relato não oficial, mas não menos importante e necessário. A história oral não se trata de transcrição e sim de uma problematização e de um

diálogo com as fontes, a memória como fonte se constitui de um processo de rememoração, sempre ligado ao presente (WIGGERS, 2015). A memória é pautada pelo concebido, “‘Concebemos’ o mundo sempre de modo descontínuo, agrupando e relacionando conceitos, justapondo contradições e procurando resolvê-las em sínteses.” (ALBERTI, 2006, p.16), sendo constituída, assim, por esquecimentos e descontinuidades. Essa pesquisa, sobre as classes secundárias experimentais entre 1959 e 1962, é significativa, tendo em vista a importância que tiveram. Pois as Classes secundárias experimentais foram a renovação em uma área que se expandia e necessitava de mudanças mas, até então, permanecia tradicional.

O artigo será dividido em dois capítulos. O primeiro capítulo abordará a renovação do espaço e tempo escolar, pensando em como o colégio Sion se reorganizou buscando atender as demandas de renovação e abordando as mudanças que ocorreram visando respeitar o ritmo do aluno. O segundo capítulo tratará do trabalho personalizado, abordando as fichas de trabalho que marcam a pesquisa que personaliza o trabalho.

Renovação do espaço e do tempo escolar

O tempo e o espaço fazem parte da cultura escolar. Conforme Frago (2001) a escola ocupa um espaço, dado ou não, que se faz lugar na medida em que é ocupado e utilizado. O lugar é construído. O espaço objetivo em si não existe, ele existe sempre na relação com a atividade humana. Portanto, não é neutro, é produto cultural que comunica, que está diretamente relacionado às relações interpessoais e à ritos sociais. Na escola a disposição, função e uso dos espaços não são acaso, são construídas socialmente para ensinar e aprender. A sala de aula é o núcleo onde podemos observar as relações entre a disposição das pessoas e objetos no espaço e o sistema ou método de ensino seguido (FRAGO, 2001).

No final do século XIX a congregação francesa de irmãs Nossa Senhora de Sion chegou ao Brasil, com intuito de abrir um colégio para meninas inspirado no modelo de educação francês. O colégio Sion foi, então, inaugurado. Estando situado em uma área valorizada da região de São Paulo, no bairro de Higienópolis, o edifício (Imagem 1), onde era e até hoje é situado o colégio Sion, é grande e de estilo eclético, característico das primeiras

décadas do século XX. O colégio possui ainda uma capela, com características arquitetônicas semelhantes às da congregação Nossa Senhora de Sion de outros países.

Imagem 1 – O Colégio Nossa Senhora de Sion na década de 1910



Fonte: Colombo (2013).

“A arquitetura do Colégio Nossa Senhora de Sion de São Paulo deveria refletir a respeitabilidade, a admiração e o prestígio da instituição” (COLOMBO, 2013, p.109). Essas características dão indícios do público ao qual a escola se destinava, a elite paulistana. O grupo social que frequentava a escola pertencia à mais antiga elite econômica do país, que possuía capital cultural, social, político e simbólico acumulado ao longo de muitas gerações (PEROSA, 2004). Assim, o colégio Sion destinava-se a elite católica brasileira e seguia um modelo francês arquitetônico e educacional. Nas décadas de 1950 e 1960 essas elites passam a requerer renovação no modelo educacional, o que dá início às classes experimentais inspiradas na Pedagogia Personalizada Comunitária do Padre Pierre Faure. As classes secundárias experimentais foram implantadas no mesmo edifício em que funcionavam as classes normais. Portanto, a arquitetura do prédio foi projetada sem levar em consideração a PPC.

Conforme Faure (1993) na Pedagogia Personalizada Comunitária as salas não são ambientes indiferentes, são lugares onde as atividades pessoais e em grupo devem ser

facilitadas. É importante que as salas sejam lugar de estudo, documentação e trabalho, com móveis e materiais adequados. Faure (1993) ressalta a importância de que cada sala tenha uma biblioteca para que seja possível que os alunos façam sua pesquisa. Para a PPC o espaço deve oportunizar o trabalho pessoal do aluno, que ele tenha acesso a materiais que o permitam construir seu conhecimento, mas também deve viabilizar a ajuda mútua, o trabalho em grupo.

Assim, dentro das salas do colégio Sion o espaço se transforma e começa a construção de um novo lugar. A disposição das carteiras na sala não era mais fixa e mudava de acordo com a atividade que o aluno iria fazer. As salas também passam a abrigar os materiais necessários para que a aluna faça sua pesquisa. Dentro das possibilidades, o colégio Sion se adapta a PPC. É notado que a disposição das alunas no espaço marca a PPC para a Irmã Maria Luiza de Sion quando ela fala: “Bom, o que mais me marcou foi as alunas não ficarem paradas escutando o professor, mas assumindo, trabalhando, pesquisando.” (SION, 2018, p. 18). O espaço passa a permitir que a aluna pesquise, não é mais espaço de passividade, mas de atividade da aluna.

As salas de aula passam a ter pequenas bibliotecas, o espaço se configura de modo a permitir a pesquisa e a partilha entre as alunas, não sendo mais organizadas as carteiras em fileiras. Conforme dito pela Irmã Maria Luiza de Sion “Não ficavam, assim, uma atrás da outra quietinha não. A disposição das carteiras podia mudar. A aluna trabalhava pessoalmente. O importante era o trabalho da aluna.” (SION, 2018, p. 11). Portanto, a nova cultura escolar que surgiu no colégio Sion modificou o espaço de acordo com a PPC, pensando sempre em priorizar o trabalho pessoal do aluno.

Assim como o espaço, o tempo escolar também se transforma. Com a apropriação da PPC para implantação das classes secundárias experimentais no colégio Sion ocorre a reconfiguração do tempo escolar. O tempo escolar é ao mesmo tempo institucional, pessoal, cultural e individual, vivido pelos alunos, professores, família e comunidade (FRAGO, 1998). Assim, Frago (1998) prefere falar em tempos escolares, no plural, tendo em vista os diferentes aspectos que ele abarca. Os tempos escolares dizem respeito a organização e distribuição do tempo nos ciclos, níveis, cursos, ritos de passagem, avaliações, calendário escolar, férias, ano acadêmico, semestre, trimestre, mês, semana, dia, manhã e tarde.

Conforme Faure (1993), cabe ao professor fixar programações de matéria, mas essa programação não poderia se restringir a um ano, semestre ou trimestre, pois não é algo que se dará de forma progressiva, mas respeitando o ritmo do aluno. Ao aluno é confiada responsabilidade, que chegue no horário e que siga seu projeto de trabalho e que conte com a ajuda do professor e dos colegas. O tempo escolar sempre estará ligado à personalização do trabalho. A organização do tempo vai depender do ritmo do aluno, mas será marcada por momentos de trabalho pessoal, ajuda mútua, autocorreção, partilha, exposição de dossiês e trabalho em parceria. Conforme Faure (1993, p.67):

[...] se quisermos que progridam cada qual com seu ritmo, convém prever horários que permitam simultaneamente continuidade e agilidade em suas atividades. Não se pode cogitar em fixar os minutos consagrados a uma fatia de trabalho, e ainda menos em passar de uma atividade breve para outra em prazo fixo, como previam as antigas instruções do ensino elementar: meia hora de leitura, meia hora de escrita, meia hora de cálculo etc. (FAURE, 1993, p.67).

É preciso dar tempo ao aluno e não fixar horários, a fixação de horários pode quebrar o ritmo do aluno. A PCC permite que o aluno administre o tempo de modo que ele possa ser sempre produtivo, se o aluno tiver mais dificuldade em uma matéria, poderá levar mais tempo nela e se tiver facilidade menos. O tempo de intervalo também não precisa ser fixo, pois dependerá de quanto tempo o aluno irá levar para retornar a se concentrar na atividade de pesquisa.

No colégio Sion, conforme as memórias da Irmã Maria Luiza de Sion, era conferida a responsabilidade para as alunas. Elas chegavam no horário estabelecido e já pegavam as fichas de trabalho que davam orientação para a pesquisa que deveriam fazer. Sion (2018) aponta que o trabalho não era dividido em fatias “[...] não tinha essa divisão, por exemplo, a parte científica de manhã e a parte literária a tarde. Não, a aluna chegava e era ela que escolhia por que é que ela queria começar.” (SION, 2018, p. 4). A Irmã comenta ainda que existiam momentos de exposição oral do professor e de trabalho em equipe, mas não eram fixos e dependiam da pesquisa da aluna.

Notamos a formação de um novo tempo escolar se compararmos com as memórias abordadas por Cavalcanti (2007) em seu artigo “Memórias femininas: tempo de viver, tempo de lembrar”, que trata das memórias de alunas do colégio Sion entre as décadas

de 1920 e 1940. Cavalcanti (2007) demonstra que o tempo era regulado de forma impositiva para as alunas,

O dia, as horas, os minutos estavam organizados de maneira a manter a ordem e a disciplina. Deste modo, as normas da Igreja (que asseguravam a formação das “mulheres católicas” e das “boas cidadãs”) estariam em vigor continuamente:

O sino supria o relógio. Era pela sua advertência que, automaticamente, se regulava o mecanismo do Colégio: aulas, recreios, estudos, preces, refeições. Havia momentos em que a gente lhe odiava a injunção, outros, em que o seu bater representava uma libertação, ansiosamente, esperada. (CAVALCANTI, 2007, p. 8).

Em detrimento as classes tradicionais abordadas por Cavalcanti (2007), as classes secundárias experimentais das décadas de 1950 e 1960 descritas por Sion (2018) apresentavam uma nova forma de organizar o tempo, que respeitava o tempo do aluno. Conforme Sion (2018) “Elas (as alunas) não tinham esse horário de 50 minutos parou, mais não sei o que. Não, não era assim não. Elas ficavam a manhã toda fazendo o trabalho que queriam, a matéria que escolhiam, podiam escolher mais de uma, depende.” (SION, 2018, p. 11). Assim, o novo tempo que acompanha as classes secundárias experimentais está relacionado a PPC, que previa o respeito ao ritmo do aluno.

Conforme Gómes (1997), na PPC os instrumentos de trabalho poderiam ser os mais diversos, medida em que fossem úteis para aplicação do método. Assim, a programação é um instrumento de trabalho que deve ser elaborada pelos professores que vai prever os conteúdos a serem trabalhados, partindo de um conteúdo mais elementar para avançar, buscando suscitar no aluno a postura pessoal ativa. Já as fichas de trabalho são guias com orientações para o trabalho do aluno, também elaboradas pelo professor. Nesse sentido, cada aluno deveria possuir um plano de trabalho, que irá prever como será organizado o tempo de trabalho para dar conta das fichas de trabalho. Assim, havia um tempo determinado para dar conta das fichas de trabalho, normalmente quinzenas ou semanas.

Com isso, as fichas de trabalho na PPC são elementos de personalização do trabalho dos alunos, na medida em que cada um terá seu plano de trabalho, respeitando seu ritmo. Contudo, são elementos, também, de planejamento, com controle do tempo. Os alunos deveriam dar conta de determinado número de fichas em uma quinzena ou semana. Conforme Sion (2018), as alunas sabiam que tinham um tempo determinado para dar conta

de cada ficha de trabalho, mas elas que se organizavam para cumprir esse prazo. “Ela (a aluna) tinha que dar conta da tarefa em um tempo determinado. Mas ela pegava as fichas, estudava, respondia e o professor orientava, quando precisava de orientação.” (SION, 2018, p. 4). A aluna deveria dar conta das fichas, em uma semana ou quinzena, e o professor era responsável por elaborar as fichas e acompanhar o trabalho da aluna.

Assim, a configuração do tempo e do espaço escolar se relaciona com o método utilizado. As características de organização do espaço e do tempo demonstram as aproximações entre as classes secundárias experimentais no colégio Sion e o Ensino Personalizado Comunitário.

O trabalho educativo personalizado

A cultura escolar das classes secundárias experimentais do Colégio Sion foi marcada por novos tempos e espaços escolares que permitiram a introdução de uma nova forma de o aluno trabalhar, personalizada. Apropriando-se da Pedagogia Personalizada e Comunitária, do Padre Faure, conforme Sion (2018) o colégio passou a ter como principal eixo de aprendizagem o respeito ao ritmo do aluno e seu trabalho pessoal. “O trabalho, tal como o ser humano, tem seu ritmo próprio.” (FAURE, 1993, p. 67). Faure (1993) também valoriza o aspecto comunitário, dando importância a ajuda mútua e ao trabalho em equipe. A formação que contemple os aspectos personalizado e comunitário forma o ser humano autônomo.

O espírito da PPC, segundo Gómes (1997), está em produzir um indivíduo que possua iniciativa, responsabilidade, compromisso, vida espiritual e atitude séria e livre com os cidadãos de sua comunidade. O homem nasce imperfeito e aspira totalidade, busca completar-se, tornar-se autônomo. Essa aspiração pela totalidade faz o homem tornar-se pessoa. Assim, o projeto da PPC busca ajudar o homem a ser pessoa, a alcançar a realização que a pessoa aspira, com compromisso pessoal e comunitário. Na pedagogia de Faure, assim, o método terá mais importância que o conteúdo, pois é esse método que vai resultar no progresso do ser, independente da aquisição de conhecimentos.

Para Sion (2018), o método utilizado nas classes secundárias experimentais era ativo e totalmente diferente por ser baseado na pesquisa. A personalização era marcada pelas

fichas de pesquisa. Os professores formulavam as fichas que davam orientações às alunas para sua pesquisa. “O professor preparava as fichas, as alunas chegavam às classes, em silêncio, pegavam a ficha, trabalhavam naquilo, nas pesquisas, em tudo, e o professor orientava.” (SION, 2018, p.4). A aluna poderia escolher qual disciplina iria trabalhar, tendo certa autonomia, sendo limitada às orientações contidas nas fichas e ao tempo em que deveria cumprir a pesquisa de cada ficha. Assim, as fichas de trabalho eram um instrumento que permitia a pesquisa das alunas. Do trabalho com essas fichas se atingiam progressos, na medida em que, por meio da pesquisa, as alunas aspiravam pela busca de sua totalidade. É o progresso alcançado durante o processo de aquisição de conhecimentos que importa para Faure. A realização pessoal será um fim em si mesma. Nesse sentido, deve haver compromisso com o progresso, esforço e criação pessoal. É desse compromisso com o progresso, com a obtenção de resposta, que o homem se torna livre. A liberdade é resultado desse esforço pessoal, é a pessoa que constrói seu próprio destino. Para Faure, a liberdade pessoal é sinônimo de adesão ao compromisso com vida espiritual libertadora, ser livre é ser comprometido (GÓMES, 1997).

Faure (1993), não trata das fichas em si, mas coloca a importância de programações e programas. Onde o professor deveria fixar os programas, possibilitando que “[...] o aluno possa, por sua vez, pela própria atividade, procurar, descobrir, achar, compreender e assimilar.” (FAURE, 1993, p. 56). Para Faure (1993), são necessárias instruções de trabalho que guiem o aluno e fomentem seu esforço para investigar, que incentivem a pesquisa que irá culminar na descoberta e assimilação. As fichas citadas por Sion (2018) contemplam a ideia de Faure de guiar o aluno em sua pesquisa “[...] a ficha orientava a pesquisa. Dava uma orientação para fazer a pesquisa. Mas claro que elas (as alunas) sabiam para onde a gente devia chegar. Quem apresentava a ficha sabia onde tinha que chegar.” (SION, 2018, p.20). Para a PPC, a escola deve disponibilizar os mais diversos instrumentos de trabalho ao aluno, para que ele possa realizar suas escolhas, dando a ele liberdade, mas também pressupondo liberdade e compromisso. Nesse sentido, as fichas de trabalho utilizadas no colégio Sion são instrumentos de trabalho que possuem essa finalidade. A escola deverá auxiliar o indivíduo a ser livre, aflorando situações de liberdade, incitando o trabalho ativo e pessoal.

No colégio Sion, de acordo com as memórias de Sion (2018), o trabalho personalizado era marcado pelo silêncio e muito individual, com a possibilidade de trabalho em equipe. As aulas expositivas eram raras e os momentos eram de pesquisa, orientação e partilha com o grupo. Faure (1993) tratou da partilha como o momento de os alunos fazerem a exposição para os outros das descobertas de sua pesquisa. Faure (1993), também entende que o professor vai incentivar a pesquisa do aluno orientando com possibilidades de instrumentos de trabalho e nunca dando respostas prontas. Os alunos devem ajudar-se mutuamente, possibilitando que o outro possa descobrir por si o que ele mesmo já aprendeu, aí nasce o espírito comunitário para Faure.

Assim, ao oferecer um ambiente que favoreça a pesquisa e a descoberta do aluno, ele irá sentir vontade de expor suas descobertas. E essas descobertas só serão possíveis se o aluno tiver objetivo, metas claras, orientação. Para PPC, é necessário que a escola proporcione um clima de espontaneidade e alegria para que seja possível a comunicação espontânea entre os alunos (GÓMES, 1997). A expressão do aluno irá culminar na comunicação que resultará na participação de todos. A participação envolve dar e receber, é ativa. “A pessoa humana possui estas duas dimensões: a individual e a social, e o trabalho educativo deverá integrá-las numa unidade, assim como una é a pessoa.” (GÓMES, 1983, p. 59). Nas memórias da Irmã Maria Luiza de Sion o aspecto comunitário não fica evidente, sendo dada grande ênfase ao trabalho ora chamado de personalizado e ora de individualizado. Sobre a participação das famílias no processo de aprendizagem personalizada ressalta-se que “Eles acompanhavam muito. [...] Haviam reuniões periódicas com os pais e com os professores” (SION, 2018). Essa participação dos pais por acompanhamento e reuniões pode ser um indício de apropriação da PPC, que vê a participação ativa dos pais como benéfica para o trabalho dos alunos.

Após os trabalhos de pesquisa e as partilhas, Faure (1993), entende que, o aluno deve fazer uma exposição, para alunos e professores, estas exposições seriam a parte principal do “dossiê do aluno”, pois seriam a prova do trabalho efetuado por ele. O “dossiê do aluno” seria sua avaliação que poderia conter apreciações ou notas de acordo com as exigências administrativas da escola. Conforme as memórias de Sion (2018) o processo de avaliação se deva pelo acompanhamento da pesquisa das alunas de acordo com as fichas e das partilhas

orais. À este processo eram atribuídos conceitos. A avaliação, no colégio Sion, passa a ser qualitativa, pois leva em conta o processo do aluno e não a nota de uma prova escrita.

Para a PPC, o homem é sobretudo um ser ativo que é guiado por seu espírito e a escola deve proporcionar a atividade do homem. A passividade que a escola muitas vezes impõe leva o homem a sua destruição, pois sua natureza é de superar-se, transformar o mundo agir. A escola para a PPC deve trabalhar o desenvolvimento integral do homem, favorecendo sua atividade, educação “se compromete a ajudar o homem a tornar-se senhor de seu próprio crescimento pessoal e social, cívico e espiritual: integralmente humano.” (FAURE, 1969, p.9, apud, GÓMEZ, 1983, p.61). A escola deve favorecer a aspiração natural do homem de “ser”. O trabalho personalizado no colégio Sion, apropriado da PPC de Faure modificou o modo de ver as alunas, passando a respeitar seu ritmo de trabalho. Modificam-se também a estrutura das aulas que deixam de ser expositivas para serem ativas, onde as alunas trabalham em sua pesquisa com os materiais que possuem e com as orientações dos professores. Muda-se o método no sentido de favorecer a atividade pessoal.

Considerações finais

A Pedagogia Personalizada e Comunitária do Padre Pierre Faure mobilizou as classes secundárias experimentais das décadas de 1950 e 1960 nos educandários católicos brasileiros. Faure esteve no Brasil algumas vezes e orientou os trabalhos no colégio Sion de São Paulo. No colégio Sion de São Paulo, a PPC foi apropriada trazendo uma nova cultura escolar que modificou aspectos de tempo, espaço e métodos no colégio. Conforme as memórias da coordenadora das classes, a Irmã Maria Luiza de Sion, o ensino tradicional deu lugar ao trabalho personalizado. As alunas passaram a trabalhar ativamente, podendo organizar seu tempo e sua pesquisa.

O espaço do colégio Sion de São Paulo foi transformado, sobretudo suas salas de aula. As carteiras não eram mais organizadas em fileiras fixas e passaram a modificar de acordo com a necessidade das alunas, para melhor realizarem suas pesquisas. As salas passaram a contar com materiais necessários para a pesquisa. A organização do tempo também se modificou, pensando no ritmo das alunas. As alunas passaram a planejar seu

trabalho de acordo com seu ritmo, sendo o trabalho personalizado, mas também precisando dar conta das fichas de trabalho em um determinado tempo, geralmente em quinzenas ou semanas. Essa nova configuração do espaço e do tempo, rememorada por Sion (2018), marcou a cultura escolar das classes experimentais no colégio Sion, apropriada da PPC de Faure.

O trabalho com as fichas marcou o respeito ao ritmo das alunas, conforme as memórias de Sion (2018), onde elas trabalhavam em suas pesquisas de forma ativa, personalizando o ensino. O espírito da PPC de incentivar uma formação de um ser humano autônomo, livre e comprometido se revelou no trabalho pela pesquisa com o uso das fichas que ocorreu nas classes secundárias experimentais do colégio Sion.

Desse modo, entende-se a importância de estudar as classes secundárias experimentais no Brasil. Elas marcaram a renovação e o surgimento de uma nova cultura escolar, em uma área que se expandia, mas permanecia tradicional. A apropriação da PPC no Brasil pode ser mais estudada tendo em vista seu aspecto de renovação.

Referências

ALBERTI, V.. **Ouvir Contar**: textos em história oral/ Verena Alberti. Rio de Janeiro: Editora FGV. 196p. 2004.

CAVALCANTI, V. R. S.. **Memórias femininas**: tempo de viver, tempo de lembrar. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, nº 54, p. 59-82 - 2007

CHARTIER, R.. **Textos, impressão, leituras**. In: HUNT, Lynn (org). A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, p. 211-238, 1992.

CLASSES, **Experimentais no Ensino Secundário**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v. XXX, n. 72, p. 73-83, out/dez. 1958.

COLOMBO, M. A. C.. **Sion - da Belle Époque aos nossos dias**. 1, Ed. São Paulo: Colégio Nossa Senhora de Sion, 2013.

DALLABRIDA, N.. **As classes experimentais**: Ensino secundário diferente no Brasil nas décadas de 1950 e 1960. 2018. No prelo.

_____. **Circulação e apropriação da pedagogia personalizada e comunitária no Brasil (1959-1969)**. Educação Unisinos. v. 22. n. 3. jul/set. 2018. p. 297-304.

FAURE, P.. **Ensino Personalizado e Comunitário**. São Paulo: Loyola, 1993.

GÓMES, M. N. P.. **Educação Personalizada: um projeto pedagógico em Pierre Faure/** Tradução de Laureani Pelegrin. Florianópolis: EDUSC, 1997.

JULIA, D.. **A cultura escolar como objeto histórico**. Revista Brasileira de História da Educação. Campinas, n. 1, p. 9-43. 2001.

PEROSA, G. S.. **Grupos familiares, investimentos educacionais e o mercado escolar de São Paulo em 1930**. Revista Pro-Posições. Campinas, v. 15, n. 1, p. 61-76. 2004.

SAVIANI, D.. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 2, Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Coleção Memória da Educação)

SION, I. M. L.. **Entrevista concedida a Norberto Dallabrida sobre as classes secundárias experimentais**. Rio de Janeiro-RJ, 22/11/2018.

VIEIRA, L.; CHIOZZINI, D. F.. **Luis Contier como catalisador de redes: classes experimentais e renovação do ensino secundário em São Paulo nas décadas de 1950 e 1960**. História da Educação. Porto Alegre. v. 22, n. 55. maio/ago. 2018. p. 61-80.

VIÑAO FRAGO, A.; ESCOLANO, A.. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 152 p., 2001.

VIÑAO FRAGO, A.. **Tiempos escolares, tiempos sociales: la distribución del tiempo y del trabajo en la enseñanza primaria en España (1838-1936)**. Barcelona: Ariel, 1998.

WIGGERS, L. H. F. F. C. **Memórias e experiências do fazer-se professor na educação profissional: Escola Técnica Federal de Santa Catarina-ETFSC (1968-2010)**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2015.

Revisão gramatical realizada pelos próprios autores.

RECEBIDO 21 DE NOVEMBRO DE 2019.

APROVADO 21 DE SETEMBRO DE 2020.